

Enfoques de pesquisa sobre a relação língua e sociedade

Maria Cecilia Mollica*

Resumo

No texto, a autora discorre sobre prismas possíveis de pesquisas que envolvem o binômio língua/sociedade. Prospectivamente e de forma resumida, o artigo pontua vertentes de estudos a serem desenvolvidas.

Palavras-chave: Linguagem/ sociedade, perspectivas, estudos.

Introdução

A decorative flourish consisting of a large, stylized, cursive letter 'M' with a circular swirl at the top left, positioned to the left of the start of the introduction text.

Muitas áreas do conhecimento humano se interessam em investigar a relação homem/sociedade. Na Lingüística, há diferentes prismas para se examinar esse binômio e, tradicionalmente, os

* UFRJ - CNPq.

estudos dessa natureza têm ficado a cargo da subárea da sociolingüística, campo de investigação científica assim cognominado desde os anos 50 do século XX. Não importa qual seja a denominação que dermos, os estudos na área vêm assumindo tarefas importantes e bastante complexas (cf. Mollica & Roncarati, 2001), como a de entender os efeitos lingüísticos que emergem de agentes da estrutura social e compreender os efeitos sociais que podem emergir das estruturas lingüísticas.

É conveniente relembrar que os sistemas lingüísticos satisfazem suficientemente as necessidades dos falantes e são criativos de tal modo que se adaptam às novas demandas dos seus falantes. Dinâmicas, as línguas mantêm um equilíbrio de forças tais que as estruturam e as sistematizam preditiva e probabilisticamente. No entanto, o entendimento quanto às correlações entre as contrapartes linguagem/sistema sócio-cultural e as possíveis relações de causa/efeito encontra-se num nível abstrato e, diria, estreito no que se refere à investigação científica, uma vez que perguntas acerca do papel de pressões do mundo extra-lingüístico no processamento verbal e sobre o modo como são construídos os sentidos no discurso e na intercomunicação acham-se no aguardo de respostas mais satisfatórias. Assim me parece ser o caso das questões sócio-cognitivas.

1. Macro e micro universos; macro e micro fatores

Epistemologicamente, o investigador da área pode trabalhar com macro e micro universos. No primeiro caso, são investigações que lidam com macro fatores: variáveis independentes do conhecimento mais profundo, por parte do pesquisador, dos dados em análise. O estabelecimento de correlações de parâmetros sociais clássicos como idade, classe social, nível de renda e de escolarização (cf. Labov, 1972; Scherre & Silva, 1996) ou parâmetros menos controlados, como mercado lingüístico, mídia, estreitamento com a escrita, acesso a bens culturais e a bens materiais (cf. Scherre & Silva, 1996; Paiva & Scherre, 1999) podem revelar a sistematicidade estrutural, funcional e cognitiva na fala e na escrita. Desse modo, trabalha-se com um modelo probabilístico com viés preditivo sobre os usos, dadas as condições de produção do discurso, os perfis sociolingüísticos dos falantes, os aspectos funcionais e psicolingüísticos do processamento verbal (cf. Labov, 1994 e 2000; Macedo & Rocarati e Mollica, 1996).

Em investigações voltadas para micro universos, pressupõe-se descrição etnográfica prévia, implicando pesquisa do tipo observação participante. Trabalho dessa natureza controla micro fatores e verifica situações específicas aos diferentes atos de fala de modo a descrever as estratégias de que os falantes se utilizam para se "encaixarem" nas estruturas de participação, nas quais a linguagem pode ser elemento extremamente revelador das relações que se estabelecem entre os grupos e entre os indivíduos ao construírem discursos marcados pragmaticamente (cf. Bortoni, 1998; Chambers, 1955). Esse me parece o espaço adequado às pesquisas de perspectiva sócio-cognitivista

por meio das quais se querem ver compreendidos os domínios cognitivos utilizados na produção discursiva (cf. Fauconnier, 1994; Ferrari, 1999, dentre outros).

2. Contato lingüístico e avaliação social

Outra vertente bem tradicional e produtiva que envolve língua/sociedade volta-se para as questões afetas a contato sócio-lingüístico-cultural e à avaliação social que os falantes têm da língua. Do estreitamento entre comunidades de fala podem surgir processos de bilingüismo e multilingüismo bem como situações bidialetais interessantes para estudo e bastante aplicáveis do ponto de vista da realidade (cf. Chambers, 1995; Fishman, 1967; Fasold, 1984). E o inverso também é verdadeiro. Da distância e de até a falta de contato entre comunidades de fala, por qualquer que sejam os motivos, podem surgir problemas sérios de intercomunicação. Pode vir a existir domínio lingüístico de grupos em relação a outros, configurando situações diglósicas mais definidas e impondo restrição de uma língua e/ou de um dialeto a funcionamento comunicativo específico (cf. Ferguson, 1959). Portanto, atitudes e crenças que possam afigurar-se em relação a estruturas lingüísticas merecem atenção constante dos sociolingüistas e seus resultados oferecem desdobramentos relevantes à realidade.

O viés de pesquisas em atitudes e crenças lingüísticas, ao oferecer subsídios importantes para a melhor compreensão dos mecanismos de avaliação positiva ou negativa da língua, pode revelar indiretamente pistas acerca de domínios cognitivos de referência, na medida em que sejam ativados esquemas prototípicos nos quais significados pré-concebidos acham-se fixados étnico, cultural e antropológicamente. Em Mollica (1993), foram lançadas luzes no sentido de demonstrar a pertinência de resultados de algumas pesquisas brasileiras sobre o português falado, comparativamente ao grau de percepção e de estigmatização dos falantes com relação a marcas de oralidade. Procurei verificar a natureza da relação entre o que se produz e o que se sente e pensa sobre a língua efetivamente usada. Um pressuposto básico é o de que a construção da linguagem se processa nos atos sociais de fala, eventualmente operando com modelos previamente prontos, conhecimentos pessoais e/ou compartilhados.

Perguntas teóricas subjacentes a esse tipo de investigação assim se resumem: (I) Há alguma relação constante entre o que se produz, se percebe e a forma como se avalia a língua? Se há correspondência entre os processos, quais são as engrenagens cognitivas? Embora o nosso impulso inicial seja o de responder à pergunta (1) positivamente, a relação constante e direta entre os três processos mencionados não se efetiva necessariamente. O estudo que fiz acerca do fenômeno do dequeísmo aponta para situação contraditória: o dequeísmo realmente é pouco usado e pouco percebido; porém, quando ele é notado, é fortemente estigmatizado (cf. Mollica, 1989 e 1995a). A questão não é pois tão trivial quanto possa parecer.

Selecionei fenômenos de concordância (cf. Scherre, 1988; Naro, 1981), de regência (cf. Mollica, 1996), de referenciação (cf. Mollica, 1977) e de construções de tópico (cf. Braga & Mollica 1985). Definidos e transcorridos os passos metodológicos, os quantitativos aqui comentados resumidamente comprovam, grosso modo, que os falantes percebem todos os fenômenos selecionados para estudo em taxas sempre acima de 70%, sendo que os percentuais chegam a 93% para processos mais marcados. No que concerne ao grau de estigmatização dos fenômenos, os falantes apresentam índices perto de 100% para as variantes não padrão, reforçando a avaliação negativa já existente no imaginário construído acerca de formas desajustadas do padrão culto.

Nos casos estudados, encontra-se em princípio uma distribuição, digamos, esperada: (a) o que é mais audível é também mais marcado socialmente; (b) as formas preferidas são as previstas pela tradição gramatical, especialmente nos casos em que as regras são explicitamente ensinadas na escola (cf. Mollica, 1995b). Portanto, pode-se afirmar, via de regra, com base no que conhecemos das descrições sociolingüísticas sobre os assuntos em pauta, que não há muita discrepância entre o que se aponta sobre os usos e o que os falantes indicam efetivamente quando solicitados a pronunciar-se a respeito. Essa correlação nos faz pensar que os indivíduos ancoram sua percepção em conhecimentos que constroem no processo de letramento cujo imaginário vai se constituindo paulatinamente com o contato e a experiência das práticas discursivas.

Ainda assim não se pode asseverar que fenômenos mais freqüentes são mais marcados e estigmatizados e vice-versa, senão vejamos. As construções alternativas no que concerne à concordância e à regência são mais notadas e avaliadas negativamente quando se acham em desacordo com o padrão, pois, de fato, são fenômenos que apresentam grau alto de variabilidade; todavia os processos anafóricos (em especial em construções relativas), embora apresentem índices baixos de ocorrência (de no máximo 10%), são estigmatizados quando não são funcionais e absolutamente aceitos quando a carga semântica é inquestionável, ainda que distantes da norma em ambos os casos. Essa constatação por si só já é digna de nota.

Os trabalhos sobre empregos anafóricos que contrariam as prescrições gramaticais apontam com clareza a funcionalidade discursiva de tais marcas (cf. Mollica, no prelo). A pergunta que se impõe então é a seguinte. Trata-se de situação semelhante daquela constatada para o dequeísmo, especialmente nas estruturas de tópico, já que são construções aparentemente prestigiadas? Ocorrem em contextos em que o falante sente pressão de ajustar-se à norma, favorecendo hipercorreções, mas são bastante estigmatizadas se notadas, embora ocorram em contextos pragmáticos específicos?

Na maioria dos casos, o grau de percepção e estigmatização acha-se diretamente proporcional ao nível de escolarização, sem que se incluam os fatores estruturais e cognitivos que tornam o problema ainda mais complexo. Contudo, as que possuem formas pragmaticamente marcadas não permitem isomorfismo necessário e transparente entre produção, percepção e avaliação discursiva.

3. Perspectiva ontogênica

A área língua/sociedade favorece o desenvolvimento de pesquisa na perspectiva da aquisição da linguagem e aprendizagem de saberes letrados a exemplo de estudos reunidos em Mollica & Roncarati, 1997). Foco instigante nesse viés consiste em buscar pistas sobre a gênese da variação. Uma boa hipótese seria pensar que a fixação das alternativas de usos lingüísticos por parte de crianças nativas em processo de aquisição regem-se igualmente pelo princípio da marcação.

Meus objetivos nessa vertente investigação definem-se como se seguem: (a) apontar o marco a partir do qual a dinamicidade lingüística começa a se manifestar em nativos do português; (b) demonstrar que há fenômenos que fogem ao padrão geral por motivos específicos; (c) acompanhar a forma como agem os fatores estruturais nos seus primórdios. Minha preocupação principal centra-se na questão de como os falantes compreendem e apreendem a face heterogênea da língua e que operações acham-se envolvidas.

Olhando especialmente o subsistema fonológico, alguns resultados comprovam que as crianças são praticamente categóricas até dois anos mais ou menos: os processos de cancelamento ou inserção de segmentos em estruturas silábicas quase não apresenta oscilação na fala de crianças, acompanhadas e observadas longitudinalmente em situações interacionais. Os nativos do português realizam padrões silábicos simples do tipo *v* e *cv* no início da aquisição da língua, tal como em estágios lingüísticos pigdinizantes (cf. Hall, 1966; Valdman, 1977; Todd, 1974; Mühläusler, 1986; Holm, 1993, por exemplo), razão por que produzem 'oto' ao invés de 'outro', 'coto' por 'biscoito'. Quando os padrões mais complexos são aprendidos, como o travamento silábico através de segmentos vibrantes, sibilantes, semivogais e da nasalização, ou sílabas formadas por encontros consonantais, os falantes começam a alternar 'oto' ~ 'outro', 'perder' ~ 'perdê', 'lapis' ~ 'lapi', 'mesmo' ~ 'memo', 'peixe' ~ 'pexe'.

Para se considerar o princípio da marcação na perspectiva ontogênica, há que se ponderar que cada regra oferece peculiaridades quanto à sua gênese. A monotongação em ditongos crescentes, por exemplo, é fortemente controlada por fatores estruturais cujas tendências se instalam desde o início disciplinadamente, de modo que em 'peito' e 'lei' não há alternância, mas em 'cadeira' e 'feijão' pode haver. Situação particular, por outro lado, acontece com a assimilação de *-ndo* > *-no* ou com o cancelamento de */r/* para *0* em grupos consonantais. O primeiro processo citado se dá predominantemente em gerúndios e em vocábulos de grande extensão (cf. Mollica e Mattos, 1992), enquanto o segundo processo (de */r/* passando a *0*) ocorre principalmente em vocábulos onde há segmento semelhante ou outro grupo assemelhado na palavra, como em 'claro' e 'problema' (cf. Mollica & Paiva, 1991 e 1993). Observa-se aí nítida responsabilidade dos componentes psicolingüístico e cognitivo e constata-se que os falantes não se tornam variáveis em todas as regras simultaneamente: há fenômenos cuja dinamicidade se instala mais cedo, em outros, mais tarde, e as razões são diversas para explicar essas diferenças.

Ao se considerar a forma como se dá a heterogeneidade particularmente nos fenômenos e tomando-se o exemplo da formação de estruturas silábicas travadas, evidencia-se que a criança produz inicialmente sílabas do tipo cv (como 'jadim' ao invés de 'jardim'). Por volta dos dois anos, descobre a formação do ditongo (em 'queijo'), o acréscimo de /r/ (em 'perdido'), e assim por diante. Nesta fase, ela poderá até apresentar-se 100% categórica, realizando por exemplo todos os casos de sílabas travadas em função do impulso de generalização de uma regra que acaba de aprender. Um pouco mais tarde, sua fala incluirá alternância, como em 'outro' ~ 'otro' ou 'feijão' ~ 'fe0jão', regulada por princípios estruturais e, por vezes, extra-sistêmicos. Veja-se, por outro lado, o caso do rotacismo de /l/ para /r/ em grupo cvc. É de se supor que a criança tenda, em princípio, a produzir /l/ de modo geral: 'pela' por 'pera', 'cala' por 'cara'. O rotacismo acontece somente quando ela consegue produzir o flap /r/, mesmo fora de encontros consonantais, como em 'claro' para 'craro', por exemplo.

Há então dois princípios subjacentes à gênese da variação.

- (1) O falante passa (num primeiro estágio) de estruturas mais simples para mais complexas e só então começa a apresentar alternância: (a) primeiro estágio: cv 'abe' (ao invés de 'abre'); (b) segundo estágio: cvc 'biscoito' (ao invés de 'coto'); (c) terceiro estágio: cv ~ cvc / cv ~ cvc 'próprio' variando com 'própio'.
- (2) O falante aprende primeiros fonemas assemelhados entre si, depois os mais fortes do ponto de vista fonético, para posteriormente poder enfraquecê-los ou cancelá-los: inicialmente /l/, depois /r/, seguindo-se finalmente a alternância entre padrão mais ou menos complexo, sendo que em alguns casos, inclui-se a forma não marcada: (a) primeiro estágio: 'amalela' por 'amarela'; (b) segundo estágio: 'pera' por 'espera'; (c) terceiro estágio: 'espera' alternando-se com 'pera', 'flamengo' alternado com 'framengo'.

Interessa-me então relacionar variação e aquisição, tal como já havia feito com a finalidade de defender a existência de um princípio segundo o qual a configuração de alguns padrões é praticamente categórica, no início, em estágios bem principiantes da aprendizagem dos nativos, tornando-se dinâmico depois proporcionalmente ao grau de marcação e de estabilidade sociolingüística. Meu objetivo principal é o de explicar a fixação paulatina de fenômenos, distribuindo-os numa escala que leva em conta as questões relacionadas à aquisição de padrões lingüísticos, sua variabilidade e/ou instabilidade, seu grau de complexidade e, assim, lançar luzes para a postulação de algumas hipóteses de base cognitiva que podem dar sustentação a uma linha de pesquisa sócio-cognitivista. Até que ponto as leis que regulam a trajetória aquisitiva não são as mesmas que regulam os mecanismos de construção de sentido no discurso?

Em geral, as modificações estruturais operam na direção de um padrão mais complexo para um padrão mais simples, $cvc > cv$, $vc > 0$, $cvc > cv$, característica da modalidade vernacular da língua para nativos e para

aprendizes de L2 (cf. Mollica & Roncarati, 1997) por serem universais fonológicos. No entanto, eles se apresentam diferenciadamente, pois há processos considerados como mudança quase concluída na língua e há processos estáveis no atual momento do português brasileiro, extremamente controlados por forças sociais, estruturais e funcionais. No primeiro caso, todo o universo vocabular possivelmente atingido é afetado; no segundo caso, o fenômeno é restrito a um determinado foco lexical, a poucas palavras ou mesmo a apenas um vocábulo, sem constituir resíduo nos termos de Wang (1969). A avaliação social que as regras recebem difere muito e depende parcialmente do grau de percepção que os falantes têm em relação a cada uma, ou se deve ao grau de estabilidade e de normatização da linguagem.

Ao demonstrar o princípio de marcação do ponto vista aquisitivo, constato que, na origem, os padrões são estáticos nos aprendizes iniciantes. Esses fatos devem ser examinados à luz da realidade da língua e de questões próprias à aquisição e de mecanismos cognitivos. Alguns casos de 0% de input explicam-se em razão de os falantes em aquisição possuírem vocabulário muito restrito. As crianças não usam, por exemplo, a palavra 'problema' ou assemelhadas, daí terem pouca chance de operar o rotacismo de /l/ para /r/ em grupos consonantais. O cancelamento de /r/ em encontros como *cvc* deve restringir-se a poucas palavras como 'outro': o vocábulo 'próprio' e seus derivados não fazem parte do léxico infantil. Dentre as aféreses, a criança opera provavelmente somente a de *-es*, por estar circunscrita majoritariamente às formas do verbo *estar*, ou à palavra 'escola', como se provou em Mollica et alii (1998); é difícil imaginar uma criança utilizar palavras como 'entende' e 'espera'. Há, por outro lado, o caso de /r/ medial, com um input inicial muito alto, diminuindo posteriormente, que se explica também em função de princípios de aquisição: a criança tende a falar *jaÆdim* porque não conhece ainda o padrão *cvc*. Mais adiante, ela aprende o padrão mais complexo, e esses casos tendem a desaparecer com a idade.

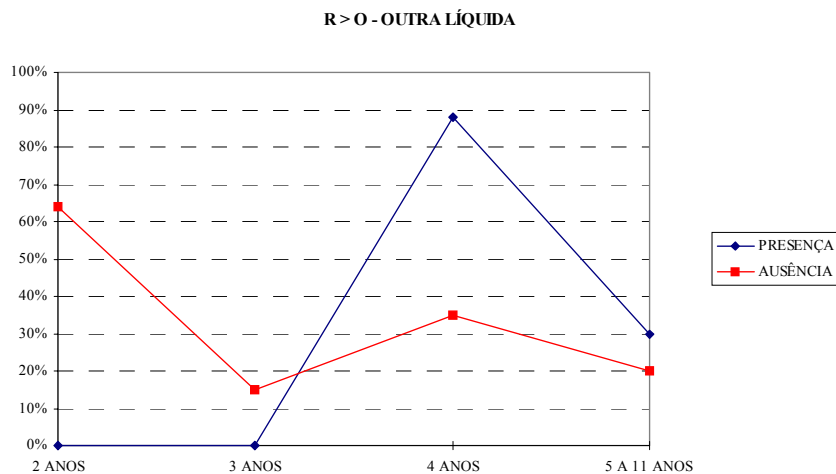
Grosso modo, há pouca ou nenhuma flexibilidade. À medida que a gramática torna-se mais madura, o nativo tem seu leque lingüístico mais aberto. Há portanto comportamentos diferentes com base num conjunto mais rico de opções de traços mais ou menos marcados do ponto de vista sócio-cognitivo probabilisticamente observáveis e preditivamente analisados. Um fenômeno marcado seria: (a) facilmente audível; (b) estigmatizado; (c) restrito a um universo finito e, por vezes, diminuto do léxico; (d) estável; (e) de input baixo. Uma regra sociolingüística não marcada, em contrapartida, é (a) inaudível, (b) não estigmatizada, (c) apresenta-se como mudança em progresso, (d) acha-se espalhada por todo léxico possivelmente afetado e (e) possui input alto.

Estou lançando aqui uma hipótese relativa à forma como o controle lingüístico de estruturas alternantes se inicia nas crianças e se implementa paulatinamente. Distribuo os fenômenos em RV1 e RV2, que apresentam comportamentos diferentes, na medida em que se caracterizam por uma configuração particular de traços mais marcados e menos marcados

respectivamente. À medida que os falantes se tornam mais proficientes na língua, os mecanismos estruturais discursivo-funcionais vão sendo adquiridos e passam a sujeitar-se a princípios sócio-cognitivos, desde que não haja agentes coercitivos atuando. Penso que à emergência das opções lingüísticas deve subjazer um princípio mais geral que se aplique a fenômenos em todos os níveis ou subsistemas da língua, comportando sub-princípios. Este é um filão fértil para a lingüística, em geral, e para os sociolingüistas, em particular, que podem agora travar diálogo mais estreito com os psicolingüistas, os cognitivistas, estudiosos das questões voltadas para a aquisição e construção de sentidos da linguagem.

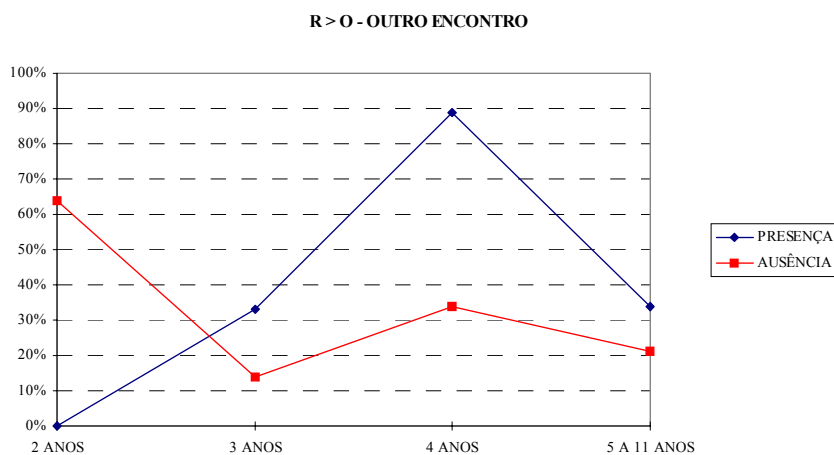
Imaginemos que os diferentes níveis se comportem semelhantemente ao exemplo da fixação do processo de cancelamento (de /r/ que ocorre em 'problema' para 'poblema' ou em 'próprio' para 'próprio'). Nos gráficos que se seguem, tomo como marco inicial 2 (dois) anos pelos motivos expostos e mostro que: (a) nem todos os parâmetros atuam logo de início; (b) há casos em que a atuação de pressão sistêmica opera na direção contrária ao que acontece quando a gramática do falante se acha mais instalada e amadurecida; (c) há casos finalmente em que, desde o início, a contextualização já se faz presente na configuração que conhecemos no falante maduro. Veja-se a figura a seguir através da qual se pode acompanhar o efeito da presença de outra líquida na palavra, (isto é, de segmento assemelhado), sobre o cancelamento de /r/ em grupos consoante+líquida.

Gráfico 1 - Cancelamento de segmento líquido em encontro consonantal



Pelo gráfico, constata-se que inicialmente nem há dados suficientes para que a variável atue. Nota-se que o controle do fenômeno se torna previsível somente a partir de 5 anos, quando se pode afirmar que se estabelece uma sistematicidade na atuação do fator controlado. Situação um pouco diferente é demonstrada na próxima figura.

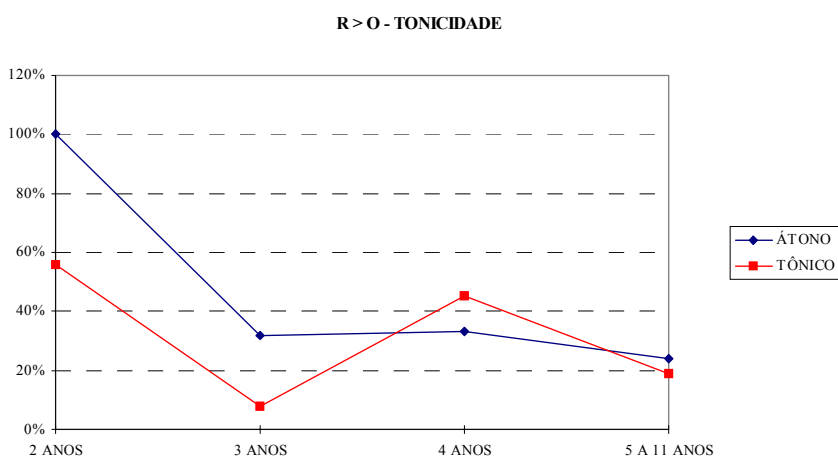
Gráfico 2 - Cancelamento de segmento líquido em encontro consonantal



Segundo o gráfico (2), o efeito de 'presença de outro encontro consonantal' em que haja segmentos líquidos aparece um pouco antes, aos três anos. Aos dois anos, isso não se dá, uma vez que a criança não possui em seu léxico palavras com mais de um encontro consonantal. Tão logo ela adquire o léxico com esta configuração, estabelece-se a regularidade em conformidade com o parâmetro controlador.

Observe-se um caso em que desde cedo as opções se instalam à semelhança da gramática do falante maduro.

Gráfico 3 - Cancelamento de r pós-vocálico em final de palavra



A variável tonicidade costuma ser bastante importante no que se refere ao efeito do cancelamento ou da preservação de segmentos. Em geral, ambientes tônicos favorecem o cancelamento do processamento de sons

especialmente em final de vocábulos. Veja-se que, no gráfico, este vetor apresenta-se praticamente regular desde o início, com uma pequena inversão, provavelmente explicada por razões especiais e episódicas.

Creio ter lançado algumas idéias de como fatores reguladores da dinamicidade se implementam. É certo que não atuam de forma igual nem simultaneamente na gênese dos processos e agem de maneira diferenciada, seja pela escassez ou absoluta ausência de recursos lexicais da criança, seja pela complexidade estrutural, seja por motivos ainda desconhecidos. Trata-se, na minha opinião, de um caminho novo, extremamente fascinante e importante para se trilhar.

À guisa de conclusão

Imaginando uma agenda de trabalho, torna-se importante o mapeamento da diversidade lingüística no Brasil, sob um enfoque marcadamente diatópico, o que já vem sendo realizado por um grande projeto articulado no País do qual a Universidade Federal de Juiz de Fora é peça atuante (cf. Cardoso 2001). Sob perspectiva diastrática, estilística e outras, grupos no Brasil e no mundo se ocupam de questões vinculadas aos diferentes continentes, na concepção de Bortoni (1998), que normalmente se afiguram em sociedades complexas mais especificamente (cf. Mollica, 2001), além dos problemas relacionados à lingüística histórica e à diacronia dos sistemas (cf. Mollica & Roncarati, 2001).

Processos naturais que seguem princípios funcionais e cognitivos são a base de sustentação de estilos conversacionais adequados e de processamento interacional satisfatório. Se o falante perde parcial ou totalmente sua competência comunicativa, comete falha nesses domínios, ainda que o processamento oral espontâneo apresente pausas, hesitações, gaguejos, repetições, estruturas interrompidas, em geral, imperceptíveis aos não especialistas. No entanto, esses fenômenos, são naturais e exclusivos à fala e motivados por razões vinculadas ao grau de funcionalidade que possam imprimir na comunicação. Suas causas podem ligar-se desde a questões de facilitação e ênfase no processamento de enunciados até às que abordam razões estilístico-interacionais referentes às relações face à face e às motivações de base cognitiva. Nem toda hesitação e gaguejo revelam-se como distúrbios lingüísticos, mas podem ser pistas extremamente reveladoras, com propósitos definidos, por meio dos quais os falantes repetem e interrompem o fluxo conversacional, emprestando-lhe maior comunicabilidade ao discurso. O conhecimento desses fatos é crucial para o entendimento pleno dos processos discursivos naturais e podem ser indícios interessantes do ponto de vista cognitivo.

As questões e conceitos aqui expostos, de forma geral e condensada, devem ser ampliados, quando se pensa a interface Lingüística/Sociedade. A área voltada para os distúrbios de linguagem, por exemplo, precisa conhecê-los de forma mais aprofundada para servir-se deles na pesquisa, na habilitação

do seu profissional, na prática terapêutica. É evidente entretanto que a instrumentalização dos problemas e princípios referidos depende igualmente de conceitos e descobertas das outras áreas do conhecimento humano que dialeticamente devem manter contato num intercâmbio de interesses acerca da linguagem humana.

Referência Bibliográfica

- BORTONI, Stella Maris. A análise do português brasileiro em três continua: o continuum rural-urbano, o continuum de oralidade-letramento e o continuum de monitoração estilística. Sybille Grobe / Klaus Zimmermann (eds.): *"Substandard" e mudança no português do Brasil*, Frankfurt am Main (101-118), 1998.
- BRAGA, M. L. & MOLLICA. Marcas segmentais e/ou supra-segmentais entre o sujeito e predicado e sua função discursiva. Trabalho apresentado no X Encontro Nacional de Linguística. Rio de Janeiro, PUC, 1985, mimeo.
- BRAGA, M. L. *Princípios atuantes no uso lingüístico: tensão e sistematização*. PEUL/UFRJ. Projeto aprovado pelo CNPq, 2001.
- CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic Theory*. Basil Blackwell, 1955.
- CARDOSO, S. A. M. Dialectologia: Trilhas Seguidas. D.E.L.T.A., 17: Especial, 25-44, 2001.
- FAUCONNIER, Gilles. *Mental spaces: aspects of meaning construction in natural language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- FASOLD, Ralph W. *The Sociolinguistics of Society*. Basil Blackwell, 1984.
- FERGUSON, Charles. *Diglossia*. *Word*, 15-324-40, 1959.
- FERRARI, Lilian (org.). *Revista Veredas*. Editora UFJF, n.4, 1999.
- FISHMAN, Joshua. Bilingualism with and without diglossia: diglossia with and without bilingualism. *Journal of Social Issues*, 32-29-38, 1967.
- HALL, R. A. Jr. *Pidgin and creole languages*. Ithaca: Cornell University Press, 1996.
- HOLM, John. *Pidgins and Creoles: theory and structure*. Cambridge University Press, 1993.
- LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. University of Pennsylvania Press, Inc., 1972.
- _____. *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*. Oxford UK & Cambridge USA: Blackwell, 1994.
- _____. *Principles of Linguistic Change: External Factors*. Blackwell, Oxford UK, Cambridge USA, 2000.
- MACEDO, A T. de; RONCARATI, C. & MOLLICA, M.C. (orgs.) *Variação e Discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- MATTOS, Paula & MOLLICA, Maria Cecília. Pela conjugação das abordagens variacionista e difusionista. *Revista de Estudos da Linguagem*, UFMG, 1992, 1: 53-64.

- MOLLICA, Maria Cecília. *Estudo da cópia nas construções relativas em português*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro, PUC/RJ, 1977, mimeo.
- _____. *Queísmo e dequeísmo no português do Brasil*. Tese de doutorado, UFRJ, 1989, mimeo.
- _____. Hipótese sobre a relação entre percepção e avaliação do português falado atual. IN: *Anais do II Congresso ASSEL-RIO*. Faculdade de Letras, UFRJ, pp. 66-74, 1993.
- _____. Relatório final CNPq. Projeto Integrado PEUL. Faculdade de Letras UFRJ, 1995, mimeo.
- _____. *(De) que falamos?* Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Lingüística e Filologia, 1995a.
- _____. Como o brasileiro fala, percebe e avalia alguns padrões lingüísticos. IN: HEYE, Jürgen (org). *Flores Verbais*. Rio de Janeiro, Editora 34, p 121-29, 1995b.
- _____. A regência variável do verbo ir de movimento. IN: OLIVEIRA e SILVA, Giselle & SCHERRE, Maria Marta. *Padrões sociolingüísticos: análises de fenômenos variáveis do português brasileiro*. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1996.
- _____. *Influência da fala na alfabetização*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1998.
- _____. Relativas em tempo real no Português Brasileiro contemporâneo. PAIVA, M. C. & DUARTE, M.E. (orgs.) *Mudança Lingüística em tempo real*. UFRJ, 2001.
- _____. *Da fala coloquial à escrita padrão* (em preparo).
- _____. et alii. Variação e função em aférese. *Revista de Estudos da Linguagem*. UFMG, v.7- n.2, 1998.
- _____. e MATTOS, P. B. Pela conjugação das abordagens variacionista e difusionista. *Revista de Estudo da Linguagem*. Belo Horizonte, ano I, vol. 1, p. 53 - 64, 1992.
- _____. & PAIVA, M. da C. de. "Restrições Estruturais Atuando na Relação. Entre /L/>/R/ e /R/>O Em Grupos Consonantais em Português". In : *Boletim da ABRALIN*, no 11, 1991.
- _____. "Da Gênese de Grupos Consonantais ao Português Contemporâneo". *Revista Terceira Margem*, Pós-Graduação em Letras da UFRJ, ano 1, no 1, 1993, p.136-40.
- _____. et alii. Variação e função em aférese. *Revista de Estudos da linguagem*. UFMG, v. 7, n. 2, jul/dez 1998, pp. 71-87.
- _____. & RONCARATI, Cláudia. *Variação e Aquisição*. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1997.
- _____. & RONCARATI, Cláudia. Questões Teórico-descriptivas em sócio-lingüística e sócio-lingüística aplicada e uma proposta de agenda de trabalho. *D.E.L.T.A.*, 17: Especial, 45-55, 2001
- MÜHLHÄUSLER, Peter. *Pidgin and Creole Linguistics*. Basil Blackwel, 1986.

NARO, Anthony Julius. The social and structural dimensions of a syntactic change. *Language*, 1981, 57: 63-98.

OLIVEIRA, Giselle Machline de & SCHERRE, Maria Marta Pereira. (Org.) *Padrões Sociolingüísticos*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro: Departamento de Lingüística e Filologia, UFRJ, 1996.

_____. Processos variáveis e aquisição de preposição. In: MOLLICA, Maria Cecília & RONCARATI, Cláudia. *Varição e aquisição*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1997.

PAIVA, Maria da Conceição & SCHERRE, Maria Marta. Retrospectiva sociolingüística: contribuições do PEUL. *Lingüística*. ALFAL, vol.11, 1999.

_____ & SCHERRE, Maria Marta Pereira. Retrospectiva sociolingüística: contribuições do PEUL. D.E. L.T. A. *Volume Especial*, 15 (201-232), 1999.

SALOMÃO, M. M. M. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. *Veredas*. UFJF. V.3-N 1 jan/jun, 61-79, 1999.

SCHERRE, Maria Marta. *Reanálise da concordância de número em português*. Tese de doutorado, Rio de Janeiro, UFRJ, 1988.

_____ & SOUSA E SILVA, Giselle Machiline (orgs.). *Padrões sociolingüísticos*. Tempo Brasileiro, 1996.

TODD, Loreto. *Pidgins and Creoles*. Routledge et Kegan Paul, London and Boston, 1974.

VALDMAN, A. *Pidgin and creole linguistics*. Bloomington & London, Indiana University Press, 1977.

WANG, W. Competing changes as a cause of residue. *Language*, 45 (1): 9-25, 1969.